

REVISÃO DE TEXTOS: CONCEITUAÇÃO, O PAPEL DO REVISOR TEXTUAL E PERSPECTIVAS DO PROFISSIONAL DO TEXTO

Leticia Figueiredo Guedes¹

RESUMO

Este trabalho pretende mostrar o que é a revisão textual, alvo de controvérsias entre diversos autores, mostrando um breve histórico dessa área profissional, o perfil do profissional que lida com a adequação textual e o que dele se espera no mercado de trabalho, bem como algumas perspectivas para os profissionais que estão em formação. Para tanto autores especialistas foram consultados e confrontados, levando à conclusão que o perfil desse profissional mudou, agregando habilidades do processo de editoração, a chamada preparação textual. Após essa constatação sugere-se que os profissionais busquem se adequar ao que o mercado exige por meio de cursos de atualização e de habilitação ao uso das tecnologias.

Palavras-chave: revisão de textos; revisor textual; profissional do texto; preparação de originais; editoração; perfil do profissional.

1. INTRODUÇÃO

Com o crescente número de manuais e dicas de como escrever bem na atualidade, o que demonstra que a sociedade tem em mente que escrever de acordo com as normas da gramática tradicional é positivo e o mais aceitável, o papel do revisor de textos se torna cada dia mais importante, pois é este profissional quem corrige as formas construídas fora das normas padrão. Entretanto, a visão que as pessoas têm do papel do revisor textual, como mero corretor de ortografia e sintaxe, é restrita, pois exclui a adequação textual relativa aos gêneros textuais, à estilística e à semântica, partes integrantes de qualquer texto, além de que com o passar do tempo habilidades relativas à edição do texto foram agregadas ao seu perfil profissional.

Como estudante de bacharelado em língua portuguesa, estagiária em dois órgãos públicos e revisora de textos atuante na área há quase sete anos, sempre tive contato com diversas visões do que vem a ser a revisão de textos, de quais habilidades o revisor deveria ter e quais as tarefas a desempenhar na prática profissional. Tal experiência foi fundamental na escolha do tema, pois na bibliografia utilizada em meu

¹ Revisora de textos no Ministério do Esporte de Brasília, Licenciada em Língua Portuguesa pela Universidade de Brasília – UnB, e concluinte em Bacharelado em Língua Portuguesa pela mesma instituição.

curso acadêmico e na prática profissional observei que alguns processos constantes da revisão textual são, na verdade, pertencentes ao processo de preparação textual que, por sua vez, faz parte de um processo maior, a editoração.

Diante desse universo de significações do que é revisão de textos e do que é ser revisor textual torna-se importante o presente tema: o que é revisão de textos, o papel do revisor textual, bem como o que é o processo de editoração e a preparação de originais e suas convergências com a revisão textual. O objetivo geral deste estudo é mostrar o perfil atual do revisor de textos e quais habilidades são cobradas dele em seu exercício profissional.

O presente artigo se apresenta em forma de reflexão teórica sobre o tema em discussão, que será trabalhado com embasamento teórico baseado em um confronto bibliográfico de autores especialistas no assunto, tais como Aristides Coelho Neto, Emanuel Araújo, Ildete Oliveira Pinto, Luiz Roberto Malta, Cristina Yamazaki, dentre outros.

Serão expostas diversas perspectivas de conceituação dos diferentes autores, bem como as fronteiras de convergência de duas habilidades que atualmente vêm sendo realizadas pelo mesmo profissional do texto, o revisor textual, o que para alguns autores é um acúmulo de tarefas indevido, para outros representa uma maior capacitação do profissional e, por fim, para outros é uma característica natural do revisor textual, comumente chamado de editor textual.

2. O QUE É REVISÃO DE TEXTOS?

2.1. Pequeno histórico da revisão textual

Em relação à origem, não se sabe quando e como surgiu a revisão de textos enquanto intervenção profissional no texto do outro, se surgiu juntamente com as primeiras manifestações de escrita ou posteriormente.

Mas o certo é supor-se que seu surgimento deu-se a partir do momento em que o homem fez seus primeiros registros como uma tecnologia historicamente criada de interação, não importando o suporte empregado – paredes de cavernas, argila, osso, papiro, tábua, papel – e a consequente intervenção do interlocutor (revisor e/ou leitor) como aquele capaz de interagir com o texto com possibilidade de mudá-lo. (ROCHA, 2012, p. 35)

Conforme afirma Neto (2008), após a escrita consolidada, houve um tempo em que os revisores eram escolhidos entre pessoas de maior fama intelectual e erudição comprovada para só então, depois de atestados seus conhecimentos, corrigirem os manuscritos antigos. Com o surgimento da tipografia, os copistas, que até o momento copiavam à mão os livros, garantindo sua existência, se rebelaram e, com o apoio da nobreza francesa, conseguiram que os impressores fossem perseguidos, pois seu trabalho era considerado obra do demônio. Continuaram a trabalhar escondidos e alguns fizeram fama por se preocuparem mais do que os copistas com a revisão de suas obras, atribuindo-lhes maior qualidade, vista nas edições sem erros. Dos impressores franceses os que ficaram mais conhecidos foram Ulrich Gering, Martin Krantz e Michel Friburger, que se instalaram na Sorbonne.

Com o desenvolvimento da tipografia surgiu a figura do precursor dos atuais revisores – tipógrafos que corrigiam provas chamadas de prelo (prensa ou rolo). Esses erros eram corrigidos a pena e só em 1478 que apareceram as erratas, lista de erros tipográficos ou de imprensa apresentados ao final de um volume.

Do século XV até os dias atuais, com o surgimento de novas tecnologias e da internet, o trabalho com o papel foi se tornando defasado e hoje em dia o trabalho dos revisores de texto já foi quase totalmente digitalizado, o que contribui para a quebra de fronteiras geográficas no trabalho destes profissionais.

2.2. Conceituação

Após exaustivas leituras da bibliografia sobre o tema revisão de textos, foi possível constatar que a conceituação desse tema passa por caminhos diversos, a depender do autor lido, restringindo o trabalho com o texto somente a análises linguísticas, ou estendendo essa compreensão ao campo da editoração, bem como o nome que dão do profissional que trabalha com o texto.

De fato todo texto produzido merece uma revisão do próprio autor, assim como de uma pessoa que não tenha vínculo com o texto para, dessa forma, minimizar possíveis inconsistências e inadequações, pois qualquer texto, seja produzido por um especialista ou por uma pessoa com pouca escolarização, tende a apresentar erros. Esses erros podem ser de ordem gramatical, ortográfica, semântica, estilística, dentre outros

aspectos da língua que estão presentes em todas as suas manifestações. Faz-se importante a visão de um profissional desvinculado do texto, porque esse vínculo do autor com sua produção escrita o impede de perceber as incoerências por ele mesmo cometidas.

E o que vem a ser a revisão de textos propriamente dita? Revisar é, segundo Aurélio (1977), ler assinalando os erros; rever; de acordo com o mesmo autor, revisão é o ato ou efeito de rever; novo exame; ato ou efeito de revisar.

Revisar é apor vista a alguma coisa; é ler o texto a fim de consertar-lhe possíveis “erros”, sejam eles relativos à estrutura (redação, digitação, tipografia etc.) ou ainda relativos ao aspecto linguístico de adequação do modo como o conteúdo é apresentado/exposto. (ROCHA, 2012, p. 36).

A revisão tem de compreender aspectos do texto com um todo, desde sua escrita, até seu formato de apresentação. Todo texto deve ser submetido a uma correção ortográfica e de sintaxe, nas quais se deve observar a ortografia, a pontuação, o vocabulário e as repetições de palavras, as ambiguidades e outros vícios de linguagem, concordância, regência, colocação pronominal, abertura de parágrafos e coerência.

Concordando com Rocha, Cavalcante (2011) vê a revisão de textos como sempre gramatical e estilística, pois em sua opinião revisar vai além de corrigir aspectos gramaticais, o que qualquer pessoa com domínio da gramática poderia fazer.

Revisar é muito mais do que isso. Não é só o domínio de regras, é também saber perceber alguns aspectos textuais, como a obediência à estrutura frasal ou as repetições desnecessárias, além do domínio semântico. Possuir o conhecimento que vai além das questões de forma também é preciso. Porém, o principal da profissão é justamente a riqueza e a possibilidade de fazer pesquisas. É por meio dela que se consegue analisar a linguagem, percebendo-se se ela está adequada ao objetivo e à mensagem do autor, assim como por meio dela é possível verificar o seu sentido. (CAVALCANTE 2011, p. 55).

Dizer que a revisão de textos é estilística significa dizer que abarca os processos de manipulação da linguagem que permitem ao falante ou ao escritor sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras, além de estabelecer princípios capazes de explicar as escolhas do uso da língua feitas por indivíduos e grupos sociais.

Coelho Neto (2008) vê a figura do revisor como imprescindível na produção de materiais de qualidade para publicação. Para o autor, “é na revisão textual que o

conteúdo vai ser aprimorado, no que diz respeito à coesão e à coerência, aos erros ortográficos, aos erros conceituais, enfim, aos deslizes praticados pelo autor”. O que coaduna com a conceituação de Rocha e de Cavalcante, pois vê a revisão como além de gramatical, estilística.

Coelho e Antunes (2010) seguem a mesma linha afirmando que a revisão que chamam de linguística, a que engloba aspectos ortográficos e gramaticais, que comumente é tomada como revisão de textos não é a única que faz parte do processo de revisão, para as autoras o trabalho do revisor agrega ao menos três tipos de revisão:

i) revisão gráfica: trata das questões relacionadas com a apresentação e com a composição visual e material do texto; ii) revisão normalizadora: ajusta o texto às normas bibliográficas e editoriais; e iii) revisão temática: verifica a propriedade e a consciência das formulações de um texto em função de um determinado sistema de conhecimento determinado. (COELHO e ANTUNES, 2010, p. 207).

As autoras defendem que o trabalho do revisor vai além de identificar questões relativas à gramática e corrigir possíveis erros, mas, segundo elas, é preciso que o profissional de revisão tenha uma postura mais completa em relação ao texto que analisa, o que exige dele conhecimentos linguísticos, gráficos, normalizadores e temáticos. Afirmam ainda que o trabalho de revisão de textos é “tarefa árdua, que demanda tempo e conhecimento especializado, que requer inúmeras leituras do material a ser revisado, a ponto de conhecê-lo profundamente” (p. 222).

Para Pinto (1993), entretanto, o termo “revisor” refere-se ao revisor de provas, a quem compete “o cotejo da prova com o original sem compromisso com o conteúdo do texto, limitado apenas aos erros tipográficos”, para ele sendo o preparador de originais o responsável pela revisão ortográfica, gramatical e estilística do texto. O autor apresenta em sua obra os procedimentos gerais da preparação textual como relativos à revisão de ortografia, pontuação, vocabulário, vícios de linguagem e aspectos sintáticos. O que mostra que a conceituação da revisão textual e a denominação do profissional que a executa, como dito no início desta seção, diferem de autor para autor.

Medeiros (1995) chama de editorador o profissional responsável pela normalização e pela revisão da parte textual, a revisão linguística, ou seja, é ele o responsável por todo o preparo do texto para a publicação. Já o profissional denominado por ele como revisor, é o responsável pela conferência de erros tipográficos após todo o processo de revisão linguística e de normalização finalizado.

Araújo (1986) define como normalização literária o trabalho do editor de textos que “submete o texto a uma revisão de tal ordem que empreste ao conjunto uma espécie de coerência integral”, ou seja, padronização linguística e estilística do texto. Percebe-se que o autor nomeia o profissional como “editor de textos”, termo que afirma ser trazido do inglês, significando “pessoa encarregada de organizar, selecionar, normalizar, revisar e supervisionar, para publicação, os originais de uma obra” e o coloca como responsável também pela preparação de originais:

O editor, no caso como editor de textos, como preparador de originais ele próprio, ou como diretor literário, como supervisor dessa preparação, tem de levar em conta, de imediato, que o autor forneceu um texto correto dos pontos de vista informativo e gramática, mas dificilmente haverá a priori, nesse mesmo texto, unidade perfeita quanto ao uso sistemático de pontuação, de sinais de diacríticos, de maiúsculas, de reduções (abreviaturas, siglas) e assim por diante (ARAÚJO, 1986, p. 55-56).

Conforme afirma Yamazaki (2007), “essa confusão de denominações e a falta de definição para cada tarefa, decerto colaboram para aviltar o trabalho do editor de texto”, ou seja, essa falta de padrão na denominação do profissional que revisa o texto sob a perspectiva linguística, do profissional que edita o texto sob a perspectiva da editoração e do profissional que agrega as duas habilidades acaba por reduzir o valor de seu trabalho. A autora analisa em seu artigo que esta tendência é universal, mas que no Brasil ocorre de forma mais grave, uma vez que as editoras promovem o acúmulo de funções de diferentes profissionais do texto para uma só pessoa, motivadas pela diminuição nos custos de contratação de funcionários.

Em resumo o ato de revisar é um aperfeiçoamento do texto, uma reforma ao que foi escrito pelo autor, uma adequação que o torna acessível a um número maior de leitores e o revisor de textos é o profissional que promove essa nova organização textual.

3. O PAPEL DO REVISOR TEXTUAL

A finalidade das mensagens emitidas, seja de forma oral ou escrita, é somente uma: estabelecer a comunicação. No caso de textos escritos, em situações em que a comunicação não foi estabelecida, ou seja, o interlocutor não compreende o que o emissor quis dizer, os objetivos não foram plenamente atingidos. Para evitar situações

como esta o revisor textual atua como suporte para o autor, suprimindo sua falta de domínio em língua portuguesa.

Esse domínio da língua portuguesa por parte dos revisores deve transcender aspectos gramaticais, deve ele ter intimidade com os diversos tipos textuais que pedem registros em norma culta, quais sejam: narrativos, descritivos, dissertativo-argumentativos, poéticos e dramáticos, além das expressões linguísticas adequadas a cada estilo.

É importante ressaltar que os profissionais de texto precisam reconhecer as variedades linguísticas, mas, além disso, precisam desconstruir o preconceito linguístico que envolve a língua portuguesa. Segundo Yamazaki (2007):

É importante que os editores conheçam o espectro de usos linguísticos possíveis, assim como o espectro dos estigmas que acompanham esses usos, para que decida, de modo consciente, o que adotar. É essencial compreender a pluralidade linguística, para não eleger suas próprias normas e aplicar suas opções. (YAMAZAKI, 2007, p. 10)

Em sua essência, a edição, ou revisão textual tem como compromisso a precisão, o rigor, a legibilidade e a compreensibilidade, que segundo a autora, não significa ter o propósito de corrigir erros em um texto, mas ter como princípio divulgar uma obra clara, tornando-a acessível a um público vasto (YAMAZAKI, 2007, p. 7). Não excluindo a correção de erros do trabalho de revisão textual, mas tomando que não é pura e simplesmente o objetivo deste profissional, desvinculando o ato de suprimir erros de construção gramatical ou de ortografia de um contexto maior que é, ainda segundo a mesma autora, “promover a legibilidade textual ou visual” (*idem ibidem*). Tanto é que um texto que esteja correto no âmbito gramatical não exclui a necessidade da revisão textual.

Pensando nisso, as atribuições do revisor de textos segundo Coelho Neto (2008) são:

- Revisar os originais aprovados para edição por: editoras, gráficas, agências de publicidade, autores, mestrados, doutorandos, preparadores de originais de quaisquer instituições etc.
- Revisar, se tiver experiência, traduções, cotejando-as com os originais.
- Revisar textos a serem disponibilizados na internet.
- Revisar livros já publicados, objetivando uma edição revista e/ou ampliada.

- Proceder quantas revisões forem acordadas com o cliente. (COELHO NETO, 2008, p. 62)

Antes de qualquer coisa, afirma Malta (2000), ser revisor exige ótimo conhecimento de português. Deve o revisor de textos estar em constante atualização e estudos, dedicando-se ao estudo de boas gramáticas ou a cursos de reciclagem, pois somente assim adquirirá essa real intimidade com o texto e as normas gramaticais.

Atualizar-se sempre, isso significa não só estar por dentro de eventuais mudanças na gramática e em acentuação ou ortografia, mas também observar novos usos de palavras já existentes, os neologismos, as palavras que não possuem tradução ou aporuguesamento, novas locuções etc. (MALTA, 2000, p. 28)

Para tanto é imprescindível que tenha, primeiramente, a leitura como hábito diário, pois a escrita não pode ser desvinculada da leitura, sendo ela quem incrementa nosso repertório linguístico. Além, é claro, de a leitura ser instrumento de trabalho do revisor que aprimora o texto, este desenvolvendo uma “forma de leitura em que atue como decisor linguístico, desenvolvendo a habilidade de verificar não só a forma como o conteúdo”, de acordo com Coelho Neto (2008). Comparando a postura do revisor com a do leitor, constata-se que o primeiro pode interferir no texto, já o segundo não.

Daí a necessidade de o revisor trafegar com intimidade e conhecimento de causa pelos conceitos para elaboração de um bom texto, pela sua análise, pelo ato de recorrer a todos os instrumentos que dão suporte a quem quer escrever bem, assim como recorrer a outros que lhe deem subsídios. (COELHO NETO, 2008, p. 95)

Em relação a esses instrumentos que dão subsídio ao revisor, é importante ressaltar que em sua atividade profissional a constante pesquisa e consulta a materiais concernentes à língua é necessária para confirmar a existência de vocábulos no léxico da língua, significados de palavras, regências e colocações, o que não demonstra falta de conhecimento do revisor, mas sim compromisso com a construção correta do texto. Malta (2000) afirma que o revisor precisa ter humildade de duvidar de seus próprios conhecimentos, ou seja, deve recorrer a fontes de consulta dezenas de vezes ao dia, dizendo que é necessário que o revisor saiba equilibrar dois fatores: recorrer às fontes de consulta, dando ouvidos à sua capacidade de duvidar de si mesmo, e se apoiar em sua cultura geral.

Como exemplos desses instrumentos, que são segundo Yamazaki (2007), os materiais base do trabalho de edição textual, podem-se citar os dicionários de autores conceituados, como Houaiss e Aurélio, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP – lançado pela Academia Brasileira de Letras, as gramáticas normativas e os manuais de redação e revisão, parceiros constantes do profissional de revisão.

4. A EDITORAÇÃO, O PROCESSO DE PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E SUAS CONVERGÊNCIAS COM A REVISÃO TEXTUAL

Não só ao ter contato com a conceituação dos autores da bibliografia aqui utilizada, mas também no campo profissional, pude perceber que algumas habilidades atribuídas ou cobradas do revisor de textos em sua atuação, relativas à edição do texto, não condizem com a prática da revisão, isso porque se referem à preparação de textos, processo que integra a editoração.

Importante se torna, pois, abordar este tema que converge com a revisão de textos na atividade do profissional de textos.

A preparação de textos, ou preparação de originais, faz parte do processo de editoração dos originais que serão publicados, sendo a editoração, segundo Pinto (1993), o processo completo desde a obtenção do original a ser publicado, sua revisão textual, normalização, adequação, formatação e, por fim, a publicação.

Coelho Neto (2008) fala da preparação de textos como um processo além da revisão quando afirma que o preparador de originais “é o revisor capacitado e experiente indo além da revisão, passando pela chamada preparação de originais” – que é o aprimoramento da representação gráfica.

Na visão de Pinto (1993), as atividades relativas à adequação do texto que dizem respeito à organização, normalização e revisão de originais são chamadas de preparação, ou seja, a preparação é o processo de adequação de originais para publicação dentro da editoração. O autor diz ainda que nesse processo o original é submetido a um aperfeiçoamento em relação à forma e ao conteúdo. Tais afirmações mostram que para ele a revisão e a preparação textuais estão fundidas no processo que

chama de normalização ou padronização, que “é a aplicação de normas linguísticas e editoriais ao texto”.

A convergência dessas tarefas designadas a uma só pessoa, o editor de textos, é um acúmulo indevido de funções designadas a diferentes profissionais do texto, o revisor e o preparador textuais, pois a preparação de originais exige habilidades gráficas de formatação de textos que o revisor de textos, a menos que tenha cursos na área de informática, não possui em sua formação. Neto (2008) afirma ser bem mais interessante que essa preparação “seja trabalho de pessoa ou equipe específica para este fim”, ou seja, o revisor que possui competências de preparador é apenas mais qualificado, porém essa não é atribuição do revisor textual.

5. PERSPECTIVAS E DESAFIOS DO REVISOR TEXTUAL

É comum aos profissionais de qualquer área pensar em suas perspectivas após a formação acadêmica, quadro que não é diferente aos revisores de texto. Segundo Malta (2000), enquanto houver livros, jornais, revistas, textos de propaganda, dissertações de mestrado, teses de doutoramento, bulas, rótulos, enfim, textos a serem impressos, haverá revisores. Afirmção que serve de alento aos que ingressam e aos egressos dos cursos de bacharelado em língua portuguesa e especialização em revisão de textos, pois o mercado da revisão de textos não se apresenta vasto ou está em processo de expansão, mas pode ser considerado estável, uma vez que o mercado editorial é consolidado mundialmente falando, as editoras sempre lançam reedições e livros inéditos, além de que não são somente as editoras que possuem demandas para revisão textual, a área acadêmica também é bem frutífera.

Existe uma preocupação dos profissionais da área em relação às novas tecnologias e à possibilidade de tomarem o lugar dos revisores, já que os *softwares* editores de textos possuem corretores ortográficos. Contudo, esses corretores não fazem mais do que correções ortográficas, algumas questões de sintaxe e léxico, mas adequações lexicais e estilísticas, reescrita e correções confiáveis, somente o revisor textual é capacitado a realizar.

O foco dos profissionais do texto, tanto os que já estão no mercado, quanto os que estão em processo de formação, deve ser sua adequação ao que hoje é considerado o perfil desse profissional.

Em minha experiência como profissional de revisão de textos em formação tive a oportunidade de estagiar por dois anos, de 2009 a 2011, na Secretaria Especial de Editoração e Publicações – SEEP, no Senado Federal, mais conhecida como Gráfica do Senado. Nesse período muito aprendi sobre o processo de revisão e de editoração, além de ter passado por uma mudança significativa do processo. Assim que entrei no estágio, o processo de revisão era feito em uma sessão, a que eu então trabalhava, e a editoração era feita na sessão chamada de Formatação, após a revisão encerrada. Posteriormente, com o objetivo de aceleração do processo, o mesmo profissional, no caso o revisor, ficou responsável também pela editoração. Foram oferecidas capacitações aos revisores sobre a ferramenta utilizada para a revisão e preparação, o *software* In design, da empresa Adobe. A antiga sessão de Formatação teve sua função bem resumida e os revisores de textos passaram a agregar suas antigas funções, uma mostra de que do profissional do texto passaram a ser cobradas habilidades antes por eles desconhecidas.

Em 2011, parti para o meu segundo estágio na área da revisão de textos, no Tribunal Superior do Trabalho. Lá a realidade que encontrei foi semelhante à que deixei no Senado. Assim que os estagiários de revisão de textos eram admitidos, passavam por treinamento que consistia mais em treinamento de preparação e formatação dos textos do que da revisão linguística. O manual entregue para estudo e consultas continha detalhes de revisão linguística e formatação, pois os textos lidos, votos escritos de acordo com um processo trabalhista, possuíam formas bem fechadas, sendo necessário padronizá-los quanto à forma. Lá percebi desde o início que do profissional do texto são cobradas habilidades de revisão e preparação de originais.

Atualmente trabalho na Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social – SNEELIS, do Ministério do Esporte, também com revisão textual e produção de textos oficiais. Principalmente na produção de textos oficiais percebo, mais uma vez, que do profissional do texto hoje em dia as habilidades linguísticas e de preparação já fazem parte de seu perfil profissional.

Diante dessa realidade cabe aos profissionais do texto em sua formação procurar adquirir essas habilidades agregadas com o tempo ao seu perfil, buscando cursos de informática que os habilitem a editar textos com propriedade nos *softwares* de edição de texto utilizados em larga escala, estudar manuais de padronização de textos presentes em diversos órgãos e estabelecimentos, além da constante atualização em língua portuguesa já presente nos cursos da área e tão necessária em seu campo de trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento normativista da sociedade contemporânea em relação à produção escrita em língua portuguesa tende somente a aumentar, o que valoriza a cada dia o trabalho do profissional revisor de textos, profissional que lida com a adequação do texto. Dentro deste contexto, o objetivo geral deste artigo foi mostrar o perfil atual do revisor de textos e quais habilidades são cobradas dele em seu exercício profissional. Pôde-se observar, por meio da reflexão trazida pela leitura da bibliografia, que este perfil mudou com o passar dos anos, a criação de novas tecnologias e o andamento do mercado editorial.

Diante desse quadro de alargamento do perfil do profissional que lida com o texto, torna-se premente que os profissionais se motivem a adquirir essas habilidades adicionais, procurem cursos, leiam manuais e que sua constante atualização compreenda também os temas normalização, padronização e edição textuais. Outro aspecto visível nesse contexto é a necessidade de reformular a formação das pessoas que integrarão este mercado de trabalho, bem como a formação continuada dos profissionais que já atuam no mercado.

Atualmente, grande parte dos cursos de graduação em bacharelado em língua portuguesa, que geralmente possui direcionamento para a formação de profissionais da revisão de textos (a exemplo o curso de bacharelado em língua portuguesa da Universidade de Brasília – UnB), e de pós-graduação em revisão textual abarca questões linguísticas e textuais, deixando de lado a questão da edição de textos, que, conforme visto neste artigo, foi agregada à função do profissional revisor de textos. Necessário se torna que questões de normalização sejam tratadas nesses cursos. A normalização textual é uma questão alvo de estudos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, há mais de trinta anos e que possui ampla aceitação por parte do mercado editorial, acadêmico e científico. Fato importantíssimo e que não pode ser deixado de lado em cursos que formam profissionais para lidar com o texto.

Nesse cenário, o presente artigo mostrou que de fato o perfil do profissional do texto sofreu mudanças e que é preciso que estes especialistas estejam em constante adequação a esse mercado crescente. A formação e a atuação do profissional revisor de

textos não são simples e requerem sempre o esforço e apropriação do profissional do que lhe é exigido.

7. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

CAVALCANTE, Marina Pereira. *Os desafios da produção textual e a importância do revisor na análise de textos*. Brasília, 2011.

COELHO NETO, Aristides. *Além da revisão*. Brasília: Editora Senac-DF, 2008.

COELHO, Sueli Maria; ANTUNES, Leandra Batista. 2010. *Revisão textual: para além da revisão linguística*. Scripta, Belo Horizonte, v.14, n 26, p. 205-224, 1º sem. 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

MALTA, Luiz Roberto. *Manual do revisor*. São Paulo: Editora WVC, 2000.

MEDEIROS, João Bosco et al. *Manual de redação e revisão*. São Paulo: Atlas, 1995.

PINTO, Ildete Oliveira. *O livro: manual de preparação e revisão*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

ROCHA, Harrison da. *Um novo paradigma de revisão de texto: discurso, gênero e multimodalidade*. Brasília, 2012.

YAMAZAKI, Cristina. *Editor de texto: quem é e o que faz*. São Paulo, 2007.